

Telenovela e vida social: relacionamentos viciados e sua interação com o público¹

Paula Guimarães Simões²

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar alguns *relacionamentos viciados* construídos em *Mulheres Apaixonadas*. Tendo em vista que o amor é um elemento central na constituição das telenovelas, busca-se apreender o modo como os vínculos amorosos em que o próprio relacionamento torna-se objeto de vício são edificados nesta narrativa. Para isso, o texto discute as características centrais desses relacionamentos. A partir desse referencial teórico, analisam-se duas tramas amorosas da novela em questão: entre Heloísa e Sérgio e entre Raquel, Marcos e Fred. Procura-se perceber a trajetória dessas personagens, os obstáculos enfrentados por elas, bem como o desfecho dos vínculos amorosos estabelecidos. Além disso, o texto se volta para posicionamentos dos telespectadores em relação a essas histórias em um fórum de discussão na internet, a fim de apreender interlocuções entre telenovela e público. A análise revela o papel de denúncia dessas representações, bem como alguns deslocamentos de sentidos sobre o amor que ocorrem na interação entre telenovela e vida social.

Palavras-chave: telenovela, amor, relacionamentos viciados.

ABSTRACT

Soap opera and social life: addictive relationships and interaction with the audience. Assuming that love is a central element in soap operas, this paper analyzes the emergence of a particular type of affective bond, namely *addictive relationships*, in the story of a specific Brazilian show, viz. *Mulheres Apaixonadas*. The article starts by discussing the central features of *addictive relationships* according to Giddens' definition, i.e. those in which love becomes the object of addition. It then analyzes two romantic plots in the abovementioned soap opera: 1) the relationship between Heloísa and Sérgio; and 2) the relationship between Raquel, Marcos and Fred. Additionally, the paper explores some opinions expressed by viewers about these stories, thus highlighting the way they interact with the narrative. The analysis reveals the role played by these opinions in denouncing the risks of pathological relationships, besides showing how the interaction between soap operas and social life may promote changes in the meaning of love.

Key words: soap opera, love, addictive relationships.

¹ Agradeço à professora Vera França, orientadora da pesquisa aqui apresentada, aos demais membros de nosso grupo de pesquisa (GRIS) e à CAPES pelo apoio. Agradeço também aos pareceristas da revista pelas sugestões que enriqueceram a versão final do presente artigo.

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Av. Antônio Carlos, 6627, Sala 3047 (GRIS), Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br

Introdução

O amor é um ingrediente central na constituição das telenovelas. As histórias de amor que permeiam essas narrativas ficcionais são, geralmente, construídas entre heroínas e mocinhos, os quais apresentam inúmeras virtudes e enfrentam vários obstáculos até alcançar o almejado *happy end*. Mas nem todos os relacionamentos são caracterizados dessa forma no discurso telenovélico. O objetivo deste artigo é discutir os chamados *relacionamentos viciados* (Giddens, 1993): relações amorosas em que o próprio vínculo se torna objeto de vício, levando à destruição do elo antes mantido.

Para tanto, o texto parte de uma conceituação desses tipos de relacionamentos, evidenciando seus traços marcantes e distinguindo-os de outras formas de relação amorosa. A partir disso, procede-se à análise de duas tramas amorosas edificadas em *Mulheres Apaixonadas* (Rede Globo, 2002, 21h): a de Heloísa e Sérgio e a construída em torno de Raquel, Marcos e Fred. O objetivo é perceber o modo como essas representações do amor são construídas, bem como a natureza dos obstáculos que atravessam a trajetória amorosa dessas personagens. Em seguida, o texto se volta para algumas manifestações de telespectadores em relação a essas histórias, a fim de apreender interlocuções entre a telenovela e o público, em relação à temática do amor.

Relacionamentos amorosos: alguns modelos

Ao discutir a experiência amorosa na modernidade tardia, Giddens (1993) apresenta dois modelos de

constituição de vínculos: o *relacionamento puro* e os *relacionamentos viciados*. Segundo o sociólogo, o *relacionamento puro* (1993) ou *relação pura* (2002)³

é uma relação social que pode ser terminada pela vontade, e só se sustenta enquanto gerar retribuições psíquicas suficientes para cada indivíduo. De um lado, requer lealdade, não só com o outro indivíduo, mas com a própria relação. De outro, a relação pode ser voluntariamente rompida, e as duas partes reconhecem que ela só “vigora até nova ordem”. A possibilidade de dissolução, talvez voluntariamente levantada pelo indivíduo em questão, faz parte do próprio horizonte da lealdade (Giddens, 2002, p. 173).

Segundo Giddens (1993), o relacionamento puro presume uma igualdade sexual e emocional entre os parceiros e é sustentado a partir do compromisso que eles se dispõem a assumir ao iniciar o vínculo amoroso. Nesse tipo de vínculo, são fundamentais a confiança e a reciprocidade mútuas, centrais na realização da intimidade.

O advento da relação pura traz consigo novos modelos de amor — como o *amor confluyente*. Segundo Giddens, esse tipo de amor é uma forma de relacionamento puro presente nas ligações amorosas entre os casais e é, em certos aspectos, bastante diferente do *amor romântico* que caracteriza grande parte da história da humanidade. Para o sociólogo, “o amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da idéia do amor romântico” (Giddens, 1993, p. 72). No amor romântico, há uma idealização do ser amado, um encontro de almas; no amor confluyente, por sua vez, há uma busca não de uma *pessoa especial*, mas por viver *relacionamentos especiais*.⁴

Giddens destaca, ainda, o papel das escolhas na definição das relações amorosas. Ao indivíduo é reservada a tarefa de escolher, de decidir a forma de conduzir sua vida emocional e os relacionamentos que constrói. Quando as

³ As características do *relacionamento puro* ou da *relação pura* descritas por Giddens são estendidas a várias formas de relação social, como os vínculos de amizade e as relações entre pais e filhos. Mas, neste trabalho, o interesse é atentar, especificamente, para a forma como os elementos apresentados pelo autor irrompem nas ligações amorosas entre homem e mulher.

⁴ A emergência do amor romântico data do final do século XVIII, em um contexto marcado pela subordinação da mulher ao lar e por seu relativo isolamento do mundo exterior. Trata-se de um modelo em que o sublime tende a prevalecer sobre o ardor sexual e que é característico de muitas relações amorosas contemporâneas, inclusive as construídas pelas telenovelas. Em outro trabalho (Simões, 2004), exploramos essa concepção de amor para analisar alguns triângulos amorosos de narrativas telenovélicas como *Sabor da Paixão*, *O Beijo do Vampiro* e *Mulheres Apaixonadas*. Esta última também foi objeto de análise de Souza (2005), que investiga os ideais de amor romântico e de felicidade presentes na interlocução entre essa telenovela e as demandas dos telespectadores. No presente artigo, entretanto, optamos por fazer um recorte e analisar apenas os chamados *relacionamentos viciados* — ainda que traços do amor romântico sejam percebidos em uma das relações analisadas. Para uma discussão mais aprofundada sobre o amor romântico, ver também: Bloch, 1995; Costa, 1999; Rougemont, 2003.

escolhas e opções não vigoram na orientação da vida do sujeito, tem início o comportamento contraposto à escolha: o vício (Giddens, 1993, p. 90). Dessa forma, existem relacionamentos bem conduzidos, por pessoas autônomas e conscientes de suas escolhas, assim como existem relacionamentos viciados. Nesses tipos de laços, o indivíduo

1. não admite o controle do eu nem do outro, tão vital para o relacionamento puro; 2. submerge a auto-identidade no outro ou em rotinas estabelecidas; 3. evita aquela abertura ao outro que é a condição prévia da intimidade; 4. tende a preservar as diferenças de gênero e as práticas sexuais não-igualitárias (Giddens, 1993, p. 103).

Giddens destaca dois tipos — interligados e próximos — de relação viciada: o *relacionamento codependente* e o *relacionamento fixado*. A palavra codependência, embora tenha sido formulada para descrever as relações com indivíduos que sofriam de dependência química, foi transposta para caracterizar outros tipos de relações viciadas. Segundo Giddens, os indivíduos codependentes costumam encontrar a sua identidade através das ações ou das necessidades dos outros. Assim, em uma relação codependente, um indivíduo se torna dependente da dependência do viciado. Ou seja, “um indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade” (Giddens, 1993, p. 102). Para o sociólogo,

uma pessoa co-dependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir as suas carências; ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros (Giddens, 1993, p. 101-102).

Nos relacionamentos fixados, o próprio relacionamento é objeto do vício, sendo constituídos mais em torno da dependência compulsiva do que da codependência. Os parceiros não são nitidamente viciados, mas “são dependentes de um elo que é uma questão de obrigação de rotina ou é realmente destrutivo para as partes interessadas” (Giddens, 1993, p. 102). Segundo Giddens, as relações consolidadas no hábito constituem a forma mais benigna dos relacionamentos fixados. Estes são “muito mais

turbulentos quando as pessoas em questão estão vinculadas por formas de antagonismo mútuo das quais são incapazes de se libertar” (Giddens, 1993, p. 102).

Nos relacionamentos viciados, a definição dos limites pessoais, assim como o diálogo livre e aberto entre os parceiros — fundamentais na manutenção do próprio vínculo —, tornam-se extremamente difíceis, o que dificulta a sustentação da relação. “A autonomia própria, o rompimento com a compulsividade, é a condição do diálogo aberto com o outro” (Giddens, 1993, p. 212). Conforme Giddens, esse diálogo é a forma de expressão das necessidades do indivíduo e o meio através do qual o próprio relacionamento é organizado.

É a partir dessa discussão sobre os relacionamentos viciados que se procura analisar algumas relações amorosas representadas em *Mulheres Apaixonadas*. Antes disso, apresentam-se uma breve sinopse da trama bem como a metodologia empregada na análise.

Mulheres Apaixonadas: a sinopse e uma proposta de análise

Mulheres Apaixonadas (Manoel Carlos, Rede Globo, 2003, 21h) apresenta uma história central — a trajetória de Helena (Cristiane Torloni) — e muitas tramas paralelas, que recebem grande importância do autor. A novela conta a história de Helena, a qual manteve um casamento com o músico Teo (Tony Ramos) durante 15 anos, mas começa a questionar a continuidade dessa relação⁵. Para os objetivos deste artigo, é importante destacar, nesta breve sinopse, a irmã de Helena, Heloísa (Giulia Gam), e a professora de Educação Física da escola dirigida pela protagonista, Raquel (Helena Ranaldi).

Raquel mudou-se para o Rio de Janeiro, fugindo de seu marido violento, Marcos (Dan Stulbach). Lá, encanta-se pelo aluno Fred (Pedro Furtado), que também se apaixona pela professora, o que suscita o ódio de Marcos quando ele se muda para o Rio à procura da esposa. A relação entre Raquel e Fred também não é bem aceita pela mãe do adolescente.

Heloísa é *marchand* e muito dedicada ao marido, o

⁵ Para uma análise dos amores de Helena, cf. Simões, 2004; França e Simões, 2007; Souza, 2005.

arquiteto Sérgio (Marcelo Anthony), por quem sente um ciúme obsessivo. Sérgio despertará o interesse de Vidinha (Júlia Almeida) ao longo da trama, impulsionando ainda mais o ciúme de Helô. Vidinha é amiga de Dóris (Regiane Alves), que se envolve com Marcos.

A fim de analisar as relações amorosas envolvendo essas personagens, foi observada a construção das mesmas ao longo de toda a narrativa. Para uma reflexão mais aprofundada, foram realizadas a gravação e a decupagem de alguns capítulos.⁶ Procurou-se perceber o modo como as histórias de amor eram construídas, bem como a natureza dos obstáculos que impedem e/ou dificultam a sua realização.

Além dos discursos das telenovelas, a análise também se voltou para as falas dos telespectadores. Uma análise mais clássica de recepção utilizaria entrevistas e outros métodos de coleta de dados para alcançar tais posicionamentos. Nesta pesquisa, a fim de trazer um recorte viável, optamos por não fazer esse estudo de recepção mais amplo e buscar falas do público em outro lugar em que elas são disponibilizadas: em um fórum de discussão na internet.⁷ Reconhecemos que esse recorte tem alcance limitado, na medida em que consegue abarcar apenas aqueles indivíduos que têm acesso à internet e que se mobilizaram para manifestar sua opinião. Além disso, não é possível apreender um maior número de dados acerca desse público. Apesar desses limites, acreditamos — e os resultados confirmaram — que esse espaço midiático poderia propiciar um material rico de análise.

Assim, com o intuito de apreender algumas manifestações dos telespectadores em relação aos casais aqui analisados, foram selecionadas cinco enquetes referentes aos casais de *Mulheres Apaixonadas*, bem como manifestações expressas após o último capítulo dessa novela, a fim de perceber, na argumentação do público, o posicionamento dele em relação às tramas amorosas analisadas e à própria vivência do amor na realidade concreta.⁸

Heloísa e Sérgio

No início da novela, Heloísa e Sérgio vivem felizes no casamento, apesar do ciúme dela. Eles ainda se tratam com amor e carinho, mas, no decorrer da narrativa, há uma intensificação daquele sentimento, que se torna obsessivo. Sérgio se sente sufocado com as pressões da esposa. A trajetória do casal, bem como o desdobramento dessa relação, configuram um *relacionamento fixado*, sustentado por um tipo de amor que acaba sendo destrutivo para os parceiros.

Heloísa é *marchand*, mas a vida profissional dela não ganha destaque na narrativa. É a sua vida amorosa com Sérgio que é enfocada na trama. A *marchand* vê o amor como uma condição absolutamente necessária da existência: “falta de amor pode matar”. Ela casou-se virgem e não aceita dividir as atenções do arquiteto com outra pessoa. Por isso, não quis ter filhos: tornou-se estéril por opção, ao fazer uma laqueadura de trompas, fato que esconde do marido, que gostaria muito de ter um filho. Para Helô, filho é pior que amante na vida de um casal: vem para dividir e não para somar.

O arquiteto Sérgio adora a profissão que escolheu, gosta de praticar esportes e, frequentemente, joga vôlei de praia com os amigos. Homem bonito e elegante, Sérgio é visto por todos como um sedutor, que adora jogar charme para as mulheres. Mas ele nunca traiu a esposa: para Sérgio, “a infidelidade dá muito trabalho”. O arquiteto ama Heloísa e fará de tudo para sustentar o casamento.

O relacionamento de Heloísa e Sérgio é, no início, permeado por carinho e alegria. Aos poucos, o ciúme de Heloísa em relação ao marido vai sendo exibido e intensificado. Recuperando discussão de Littré, Barthes assim define a *figura* intitulada ciúme: “sentimento que nasce no amor e que é produzido pelo medo de que a pessoa amada prefira um outro” (Barthes, 2000, p. 77). Movida por esse medo, Heloísa mostra toda a sua insegurança e falta de

⁶ Essas gravações foram feitas durante dois dias seguidos por semana, que variavam semana a semana, em um período de seis semanas consecutivas, a fim de abarcar a sequência entre os capítulos e também uma maior diversidade de temáticas. Essa seleção das imagens foi iniciada no dia 17 de fevereiro de 2003, quando foi exibido o primeiro capítulo de *Mulheres Apaixonadas*.

⁷ Globo Fórum, cujo endereço é <http://globoforum.globo.com/>. Todas as manifestações aqui citadas foram extraídas deste site em dois momentos da trama: em 29 de julho e em 11 de outubro de 2003.

⁸ O *corpus* inicial de manifestações no fórum era composto por 232 unidades de análise. Após a sistematização desse material, foram selecionadas aquelas que traziam argumentos que justificassem um posicionamento em relação aos casais analisados e ao amor, reduzindo a amostra a 126 unidades.

confiança no marido e em si mesma ao longo da trama. A *marchand* vai perdendo sua autonomia e tornando-se dependente de Sérgio e do relacionamento que sustentam. A dependência de Heloísa exibe a sua verdadeira condição como um sujeito apaixonado: ela torna-se escrava do objeto amado (Barthes, 2000, p. 109).

Sérgio sente-se pressionado pelos ciúmes, teme que o casamento acabe e culpa a esposa. O relacionamento deles passa a ser caracterizado por separações e reconciliações. Cada um a seu modo, ambos procuram salvar o casamento: ele sugere que ela faça um tratamento que lhe devolva a alegria de viver; ela começa a frequentar um grupo de apoio, o MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas); nas vezes em que Sérgio sai de casa, Helô faz escândalos e implora que ele não a abandone; ela vigia o marido e paga pessoas para obter informações a seu respeito. Tais atitudes de Heloísa caracterizam seu comportamento como compulsivo. Segundo Giddens, “a compulsão é uma forma de comportamento que um indivíduo acha muito difícil, ou impossível, parar apenas pelo poder da vontade, e cuja realização produz a liberação de uma tensão” (Giddens, 1993, p. 84).

Frente às tentativas frustradas, as ações de Helô se tornam mais agressivas, e seu casamento passa a ser marcado por violência: ela corta as roupas do marido, que, ao ver o que ela fez, tenta esganá-la; em uma discussão, Sérgio chama a esposa de estéril e recebe uma facada da mesma. O estopim para a separação definitiva do casal é a tentativa de Helô de atropelar a vizinha Vidinha, a qual é apaixonada por Sérgio. Desesperada com o abandono do marido, Heloísa se joga no mar, é salva por ele e, em seguida, internada em uma clínica psiquiátrica.

Todas as atitudes de Heloísa são justificadas em nome do amor que sente por Sérgio: um amor inteiro, completo, incondicional. Na visão dela, para garantir a realização desse amor, vale tudo: “Vale até matar”. Com essa fala de Heloísa, emerge a força do amor, a qual funciona como argumento para justificar todas as atitudes.

Para Heloísa, somente o relacionamento com Sérgio é fonte de realização em sua vida, e ela coloca no marido a responsabilidade por sua felicidade. Ela culpa o arquiteto por sua insegurança e gostaria de ser capaz de mudar o comportamento dele. Helô nutre um sentimento de posse em relação a Sérgio e chega a tratá-lo como se fosse propriedade dela. Segundo ela, a defesa de seu casamento é sustentada pelo “direito legítimo de defesa da propriedade”, já que Sérgio é o seu “homem”.

O egoísmo de Helô colabora para pôr fim ao sentimento que Sérgio tinha pela esposa. Além de não

ter tido filhos para não dividir as atenções do marido, Heloísa acha que seu problema é o maior e mais importante de todos: mais que o câncer de sua irmã e que a violência sofrida por Raquel. Ela chega a afirmar que preferia ter um câncer ou apanhar do marido à falta de amor: “Preferia que o Sérgio me enchesse de pancada, mas que ele me amasse. Homem que bate, que espanca, deve amar bem. E deve ser bom de cama.” Helô associa, assim, a virilidade e o bom desempenho sexual masculinos à violência, fazendo emergir uma concepção machista sobre a própria relação amorosa. Em conversa com uma amiga, ela admite seu egoísmo, afirmando que, se Sérgio morresse, seria sua salvação, sua libertação.

Além do egoísmo, o ciúme, a obsessão, a cobrança e a violência acabam por destruir o vínculo amoroso entre Heloísa e Sérgio. Ela se torna completamente dependente do marido e assume que é viciada e obcecada por ele: como o psiquiatra diagnosticara, a droga de Heloísa é o Sérgio. Ela se anula e submerge sua autoidentidade no outro, uma das características dos *relacionamentos viciados* (Giddens, 1993). A relação que ela mantinha com Sérgio se tornou objeto de vício, configurando um *relacionamento fixado*: Heloísa tornou-se dependente de um elo que acabou sendo destrutivo para as duas partes interessadas. Sérgio, por sua vez, tornou-se codependente da dependência da esposa; afinal, ele ajudou a sustentar a relação por muito tempo, apesar do amor obsessivo de Heloísa. Segundo Giddens,

a pessoa co-dependente é o parceiro que, por mais que deteste a relação ou esteja insatisfeito com ela, é psicologicamente incapaz de sair dela. Por razões que são opacas para a pessoa de que se trata [...], tornou-se dependente de uma relação que oferece poucas recompensas psíquicas (Giddens, 2002, p. 90).

Assim, com a trajetória do relacionamento de Heloísa e Sérgio, emerge uma concepção de amor que pode ser visto como destrutivo. Com a dependência dela em relação ao marido, este se torna codependente do vício de Helô, e os acontecimentos que permeiam a construção do vínculo entre os dois acabam por levar à destruição do elo amoroso antes mantido.

Depois de sair da clínica, Heloísa continua o tratamento para tentar se curar dessa “doença do coração” ou “câncer da alma”, como ela define. Sérgio, por sua vez, envolve-se com Vidinha no fim da novela. Ao longo da narrativa, a jovem despertou o ciúme de Heloísa e recebeu advertências da mãe por se interessar por um homem

casado. Mas Vidinha assim argumenta: “É o homem que eu amo [...]. E você não pode me proibir de amar ninguém. Mesmo que ele seja casado, viúvo, solteiro.” Na fala de Vidinha, emerge a força do amor, que é capaz de passar por cima de tudo até alcançar a plena realização. Não há obstáculos que não possam ser vencidos em nome de um amor.

Ao reencontrar o ex-marido, Helô diz que já aceitou a separação e espera que um dia consiga se livrar do sentimento que nutre por ele. Ela deseja que ele e Vidinha se casem e tenham muitos filhos. Sérgio fica perturbado com as palavras e a beleza de Heloísa nesse reencontro. Ele ainda não esqueceu a esposa, o amor que sentia por ela parece não ter acabado, mas tentará ser feliz novamente, ao lado de outra mulher.

A forma como a representação foi construída propõe a condenação do comportamento de Heloísa, ainda que esta diga que é apenas autêntica e impulsiva: o amor e o ciúme que ela sente são doentios, ela precisa de tratamento para superá-los. A personagem é vista como uma mulher azeda, amarga, cheia de veneno, e o casamento dela com Sérgio é “uma tragédia”. No fim da história, ela perdeu tudo, como afirma em conversa com Sérgio: “Perdi seu amor, perdi todas as chances, perdi os meus sonhos. Essa é a verdade: perdi tudo.”

Sérgio, por sua vez, é a vítima que sofre com a postura da esposa. Apesar de jogar charme para outras mulheres, ele é um bom marido, que nunca traiu Heloísa. Ao contrário da esposa, é capaz de reconhecer quando erra, pedir desculpas e considera isso fundamental em um relacionamento: “Por mais que a gente brigue, é importante a gente poder voltar atrás, se arrepender, conseguir pedir desculpas, conseguir ser desculpado.”

A história e o desfecho desse casal têm uma função de denúncia e apresentam um papel pedagógico, na medida em que a ciumenta Heloísa foi punida. A trajetória dessas personagens parece classificar o sentimento que sustenta o vínculo entre eles como um “amor ruim”: um amor doente, que pode trazer violência e sofrimento aos sujeitos. Assim, a narrativa amorosa de Heloísa e Sérgio cristaliza uma representação que pretende dizer que essa é uma história que não se deve vivenciar. As atitudes de Helô são condenáveis, e uma mulher que as realize na experiência concreta poderá, tal como a personagem ficcional, ser internada em uma clínica de recuperação e perder o amor do marido. Não suportando mais o comportamento compulsivo, obsessivo e agressivo de Heloísa, a única saída para Sérgio foi terminar o casamento, embora tenha tentado ajudar a esposa e sustentar a relação.

Dessa forma, o obstáculo que impede a realização do amor de Heloísa e Sérgio é o ciúme obsessivo dela em relação ao marido, ou seja, a doença da personagem. A configuração do “amor ruim” como caracterizador dessa relação está, portanto, diretamente associada à personalidade doentia de Helô. Ainda que ela tenha enfrentado o assédio de outra mulher a seu marido, o grande obstáculo à realização amorosa da *marchand* é o ciúme excessivo.

Esse desfecho não traz, assim, o *happy end* para o casal. Em vez de a felicidade coroar a recuperação de Heloísa e o restabelecimento de seu casamento com Sérgio, *Mulheres Apaixonadas* trouxe a punição para a sua postura doente ao longo da novela. Ainda que Sérgio tenha terminado a narrativa ao lado de outra mulher, ele não parece feliz. Esses sentidos que a representação da história de amor de Heloísa e Sérgio procura instaurar podem ser aprovados ou contrariados pelos telespectadores. É nesse diálogo entre telenovela e sociedade que se realizam cristalizações ou deslocamentos de sentidos em relação à proposta que a representação de Heloísa e Sérgio parece trazer — o que poderá ser percebido ainda neste artigo.

Raquel, Marcos e Fred

A relação entre Raquel e Marcos é marcada por medo, insegurança e violência. Casados por oito anos, eles viviam em São Paulo, até que ela decide mudar-se para o Rio, a fim de fugir do marido espancador. A professora de Educação Física é contratada pela Escola Ribeiro Alves e encanta-se pelo aluno Fred. No Rio, Raquel ainda teme que Marcos a encontre, o que de fato acontece. Eles retomam a relação de amor e medo, configurando um *relacionamento fixado*, de forma destrutiva e violenta.

Marcos é um rico advogado, que se apresenta como um homem gentil e sedutor, mas é capaz de grandes crueldades para sustentar a relação com a esposa (como estuprar um aluno dela, devido a seu ciúme doentio). Para manter o relacionamento, ele bate em Raquel e a submete a várias humilhações, utilizando a violência como instrumento de controle. Afinal, “a violência contra as mulheres [...] é o principal esteio do controle dos homens sobre elas” (Giddens, 1993, p. 136). Marcos é um homem inseguro, que sente um medo enorme de perder a mulher que ama: sua insegurança desencadeia as agressões, que podem ser vistas como “uma reação destrutiva ao declínio da cumplicidade feminina” (Giddens 1993, p. 138).

Raquel vê na mudança para o Rio uma possibilidade de fugir de seu passado e, ao mesmo tempo, de tentar entender seus sentimentos. A professora parece buscar os motivos que a levaram a se submeter às agressões do marido, a não denunciá-lo, enfim, a sustentar uma relação marcada por medo e violência.

Quando vai ao Rio atrás da esposa, Marcos começa a aterrorizar Raquel, ao mesmo tempo em que reitera seu amor por ela. A princípio, Raquel diz que não vai continuar a relação, mas acaba cedendo, e o casal passa a viver junto novamente. Marcos retoma os agrados à esposa e também as grosserias e agressões físicas, obrigando-a a fazer o que não deseja. Ainda que diga que tem horror à vida que voltou a viver, Raquel não consegue terminar o relacionamento e continua se submetendo ao marido. Ela tornou-se codependente do relacionamento, já que não consegue se libertar dele. Lembrando a definição de Giddens, “a pessoa co-dependente é o parceiro que, por mais que deteste a relação ou esteja insatisfeito com ela, é psicologicamente incapaz de sair dela” (Giddens, 2002, p. 90). Aos poucos, Marcos repara na proximidade de Raquel e Fred, o que suscita ciúmes e várias atitudes violentas dele.

O relacionamento entre Raquel e Fred é iniciado com uma grande amizade na escola que ambos frequentam. Quando Marcos reaparece na vida de Raquel, Fred percebe que ela apanha do marido, não entende o motivo de sua submissão às agressões e quer ajudá-la a se livrar de Marcos. Fred está apaixonado pela professora, que também admite gostar do garoto, mas teme as atitudes do marido violento.

O relacionamento entre Raquel e Fred é marcado por companheirismo, confiança, cumplicidade e por um amor diferente do que o que sustenta a relação entre ela e Marcos. Fred vê o amor como uma luz que ilumina sua vida. É um sentimento que não exige nada em troca, apenas a proximidade em relação ao ser amado. Para ele, as relações construídas com amor são permeadas por carinho, não por agressões. Na visão de Fred, Raquel só conheceu o lado perverso e cruel do amor; ela nunca conheceu o amor verdadeiro, que ele está disposto a oferecer a ela. Para Raquel, os homens são mais práticos ou menos sentimentais do que as mulheres. Por isso, ela estranha, preocupa-se, mas admira quando Fred mostra ser exatamente o contrário: um homem sensível, com uma visão bonita e romântica do amor.

Para Marcos, o amor está relacionado a domínio e submissão: Raquel é sua propriedade e deve se submeter a seus desejos. Na concepção de amor que emerge com o

posicionamento de Marcos, não há abertura para o diálogo livre e aberto entre os parceiros, “a definição dos limites pessoais necessários à administração bem-sucedida” do relacionamento é perdida e falta a autonomia como condição necessária para “se relacionar com outras pessoas de um modo igualitário” (Giddens, 1993, p. 206). Marcos apresenta um comportamento compulsivo, em que há uma perda de controle sobre ele mesmo, desencadeando atitudes violentas, na tentativa de manter Raquel sob seu controle, chegando a bater na esposa com uma raquete de tênis.

Após uma dessas agressões, Raquel atira no marido, mas não acerta. Marcos decide sair de casa para deixar a mulher pensar, mas não desiste de sustentar a relação. Ele hospeda-se em um hotel e envolve-se com Dóris, com quem mantém uma relação marcada por um jogo de interesses. O interesse de Dóris é pela riqueza do advogado e pelas joias que ele lhe oferece. Marcos, por sua vez, usará a jovem para atrair Fred para uma conversa — o que acabará levando à morte dos dois rivais.

A primeira e única noite de amor entre Raquel e Fred acontece depois de uma das agressões de Marcos ao aluno da esposa. A professora cuida dos ferimentos de Fred e pede desculpas. Ele reitera o seu amor por Raquel, que acaba se entregando. No dia do aniversário dela, em que ia jantar com o aluno em casa, Marcos consegue entrar no apartamento e agredi-la novamente. Finalmente, Raquel denuncia o marido pelas agressões, e ele fica com ódio ao receber uma intimação para depor. Sentindo-se humilhado, Marcos decide afastá-la de Fred mais uma vez e convence Dóris a atrair o estudante para uma conversa em troca de presentes. O carro em que estão os dois cai em um precipício, colocando fim ao amor destrutivo e ao amor romântico que sustentavam a relação entre Raquel e Marcos e entre Raquel e Fred, respectivamente.

Ainda que o casamento tenha sido muito turbulento, Raquel e Marcos não conseguiam se libertar, o que configura um dos tipos de relacionamentos viciados descritos por Giddens (1993): o *relacionamento fixado*. Ao longo da narrativa, o amor que sustentava a relação foi se tornando cada vez mais destrutivo para as partes interessadas. Marcos não respeitava os desejos de Raquel tampouco seus limites pessoais. A ela, não era concedida a oportunidade de escolha, o que chega a ser visto como uma vantagem por Marcos: “Sabe que às vezes eu acho melhor até não ter escolha? Decidir é coisa muito difícil, complicada mesmo. Não tem coisa mais difícil do que ter que escolher.”

O vício no relacionamento acabou levando à morte de Marcos, como na catástrofe descrita por Barthes: “crise

violenta no decorrer da qual o sujeito, sentindo a situação amorosa como um impasse definitivo, uma armadilha da qual nunca poderá sair, se vê fadado a uma destruição total de si mesmo” (Barthes, 2000, p. 61). A morte de Fred coloca fim ao amor romântico e idealizado que sustentava a relação entre ele e Raquel. Para Fred, ela era a luz que iluminava sua vida e foi seu grande e único amor.

No último capítulo da novela, na festa de formatura da escola, Raquel ganha a medalha de honra da escola e lê o discurso escrito por Fred — que seria o orador — a pedido da mãe dele e de toda a turma. Depois de ler o discurso, Raquel conta a todos a “linda história de amor” que viveu com Fred, que lhe deixou um filho. A morte de Fred parece pretender coroar a aceitação do romance entre a professora e o aluno. Todos aplaudem Raquel, quando ela conta sobre a história de amor entre eles e sobre a gravidez. Até a mãe dele, que sempre fora contra o relacionamento do filho com a professora, passa a aceitar o amor que eles sentiam um pelo outro. Até mesmo a escola, instituição que frequentemente condenaria relações amorosas entre professora e aluno, aceita o romance. Como se, frente à morte de Fred, não restasse outra saída a não ser aceitar o romance entre Raquel e Fred, inclusive, homenageando a professora com uma medalha de honra. A aceitação do romance entre Raquel e Fred por parte de todos, até mesmo da mãe dele e da escola, exhibe a força do amor: não há obstáculos, preconceitos, instituições que possam vencer a força desse sentimento.

A história de Raquel, Fred e Marcos foi construída de modo a conquistar essa aceitação do romance entre a professora e o aluno adolescente pelo público. Raquel é colocada como a vítima da agressão do marido, que sofreu muito e merece viver o amor ao lado de Fred. Este manifesta pela professora um amor bonito, idealizado, forte o suficiente para vencer todos os preconceitos que possam intervir no relacionamento. Aqui, emerge a configuração de um “amor bom”: é sincero, não prejudica outras pessoas, é capaz de trazer realização e felicidade. Marcos, por sua vez, é colocado no lugar de vilão: não é possível torcer pela continuidade do casamento entre ele e Raquel. O sentimento que ele nutre pela esposa é caracterizado como um “amor ruim”: é violento, agressivo, capaz de acarretar muitos sofrimentos aos outros. A postura violenta de Marcos é punida com a morte no fim da narrativa.

A natureza dos obstáculos enfrentados por Raquel para a realização plena do amor refere-se, principalmente, aos ciúmes e ao comportamento violento de Marcos. A disparidade de idades entre ela e Fred, assim como o fato de ela ser professora e ele, aluno, configuram outros empecilhos à concretização do amor. Entretanto, estes são minimizados frente ao obstáculo maior que é o marido espancador.

É justamente para garantir a simpatia dos telespectadores em relação a um tipo de relacionamento ainda não muito naturalizado na sociedade que a narrativa de *Mulheres Apaixonadas* frisa bem os lugares assumidos e os papéis desempenhados por cada uma dessas personagens no triângulo amoroso. Frisa, ainda, a configuração dos modelos de amor em dois polos antagônicos: o sentimento que sustenta a relação entre Raquel e Marcos é um “amor ruim” e o que permeia a ligação entre ela e Fred é um “amor bom”. A simpatia e a aceitação do público dependem da forma como as histórias são construídas, das características visíveis nas personagens e do modo como estas manifestam o desejo de vivenciar o amor.

Assim como o desfecho da trama de Heloísa e Sérgio, o desdobramento do triângulo amoroso constituído por Raquel, Fred e Marcos não é coroado com um *happy end*. É certo que o mal foi punido com a morte do vilão; mas, junto com ele, morreu também o mocinho dessa trama. Com isso, o sofrimento de Raquel ao longo da novela não foi recompensado com a realização de seu amor por Fred. Como recompensa, ela recebe um filho, fruto de sua única noite de amor com o jovem. Ainda que não traga um final feliz para essas personagens, a novela promove um arranjo consensual em que todos passam a aceitar bem o relacionamento entre a professora e o aluno — o que também pode ser visto como uma recompensa para o sofrimento de Raquel.

As tramas amorosas envolvendo essas personagens suscitaram inúmeras discussões, críticas e elogios entre o público telespectador. Entendemos que é nessa interlocução entre telenovela e público que o próprio *gênero*⁹ se constitui e se atualiza. Assim, procuramos, na próxima seção, destacar alguns dos posicionamentos dos telespectadores em relação às tramas amorosas aqui analisadas.

⁹ Compartilhamos da visão de Martín-Barbero de que o gênero pode ser visto como uma *estratégia de comunicabilidade*; não como algo que ocorre no texto, mas pelo texto. Ou seja, o gênero é uma estratégia de interação que ativa competências comunicativas tanto nos emissores como nos destinatários (Martín-Barbero, 2001, p. 314). Para uma discussão mais aprofundada sobre a telenovela como um gênero, cf. Simões, 2004; Borelli, 1995, 2001; Lopes, 2004.

A visão dos telespectadores

A relação amorosa de Heloísa e Sérgio suscitou muitos julgamentos enérgicos dos telespectadores, que elegeram esse como um dos piores casais apresentados pela novela. Helô é caracterizada como “louca”, e Sérgio como “um incrível idiota de aguentá-la até hoje”; ela é “um porre”, enquanto Sérgio é o “coitado”. Os telespectadores criticam, assim, o descontrole e o desequilíbrio que caracterizam muitas atitudes de Heloísa.

Chegando ao final da narrativa, entretanto, o desequilíbrio e o ciúme doentio de Heloísa ficaram obscurecidos em virtude do comportamento de Vidinha. Identificadas com a *marchand*, a maioria das telespectadoras reconheceu o sofrimento de Helô ao lidar com o assédio da garota ao seu marido. Essas telespectadoras julgaram veementemente essa postura de Vidinha e torceram pela punição dela e pelo final feliz para Heloísa e Sérgio. Apenas uma das manifestações do *corpus* da pesquisa aprova a postura de Vidinha: ela merece ficar com Sérgio, já que Heloísa é louca.

Em uma das manifestações, Sérgio é visto como “o maior safado”, que “humilhou a mulher mais do que tudo, ele quer ser o bonzinho, mas sempre fez de tudo para irritar a Heloísa”. Heloísa, por sua vez, é vista como uma mulher que errou, mas merece um voto de confiança, mais uma chance para ser feliz.

Na visão de outra telespectadora, Vidinha é uma “safada” que provocou Heloísa, apesar de saber do ciúme que ela sentia do marido. Para ela, o desfecho ideal seria Sérgio “visitar a Heloísa em tratamento e dar esperança a ela”. Segundo outro membro do público, “o correto seria Heloísa se recuperar e ter um filho com Sérgio. Odeio a Vidinha dando em cima do marido da outra.” Outras duas telespectadoras até expressam a possibilidade de Sérgio encontrar um novo amor, desde que não seja a garota que contribuiu para o fim do casamento.

A maioria das telespectadoras se coloca no lugar da *marchand* e compreende suas atitudes, transpondo elementos ficcionais para a vida concreta: “Não sou nenhuma Heloísa na vida, mas se me aparecesse uma Vidinha no caminho, com certeza nem eu e nenhuma mulher casada suportaria as provocações dessa garota.” Para outra telespectadora, muitos casamentos não dão certo porque há sempre homens e mulheres assediando pessoas comprometidas: Vidinha ajudou a destruir o casamento de Helô e Sérgio. Ela questiona se Heloísa está mesmo louca e projeta as atitudes da personagem na

experiência vivida: “Ninguém gostaria de ver uma garota dando em cima do próprio marido descaradamente.” Essas telespectadoras criticam as mulheres que se colocam como ameaças aos casamentos. O fato de Vidinha tentar seduzir um homem casado acaba por neutralizar a doença de Helô e fazer com que o público torça pela recuperação dela e pelo seu casamento com Sérgio. O sentimento que une esse casal não é visto como um *amor destrutivo*; ao contrário, acaba sendo configurado como um amor que merece um final feliz, ou seja, um “amor bom”, apesar dos problemas enfrentados.

Ao se posicionar em relação à trajetória e ao desfecho de Raquel, Fred e Marcos, muitos telespectadores também empreendem um julgamento das ações dessas personagens. Eles cobram uma atitude de Raquel, que deve se separar de vez do marido. Marcos é visto como canalha, enquanto Raquel é “uma boba que não toma nenhuma atitude”; ele é o monstro, e ela, a vítima que não consegue agir contra ele. O público deseja um castigo severo para Marcos e, assim, cobra a punição do mal. Afinal, Marcos é o vilão da história, que deve ser castigado e deixar Raquel e Fred viverem em paz.

Para outra telespectadora, “Marcos é uma pessoa totalmente desequilibrada e maldosa. Merece ir para cadeia e sofrer tudo o que fez às pessoas à sua volta.” A representação de um relacionamento como o de Raquel e Marcos — sustentado por um amor destrutivo — emerge com a função de denunciar, de dar o exemplo para aqueles que vivem situações semelhantes na experiência concreta. Na opinião de um telespectador, para continuar cumprindo sua função de alerta em relação à violência doméstica, Marcos deveria ser preso, já que ele sofreria mais nas mãos dos presidiários.

Além de julgar o comportamento de Marcos e almejar a punição para essa personagem, alguns telespectadores fazem julgamentos severos em relação ao comportamento de Raquel. Uma telespectadora diz que “não tinha nada contra nem a favor do casal Raquel e Fred”, mas garante que a professora foi imprudente ao se envolver com o aluno, já que sabia do que Marcos seria capaz de fazer contra o menino: “As pessoas podem dizer ‘mas não se manda no coração’. É, então que denunciasses o psicopata e esperasses ele ficar bem presinho antes de ir corresponder o seu aluno.” Aqui, emerge uma atitude de racionalização, uma ação normativa da telespectadora em relação ao amor, a fim de evitar problemas: tendo consciência do comportamento e das características de Marcos, Raquel deveria ter pensado bem antes de se relacionar com Fred, em vez de seguir o coração.

A mesma telespectadora considera que o desfecho dessa história, com a morte de Fred, foi um bom exemplo “de que mulher nenhuma deve agir como a Raquel, se acovardando por tanto tempo”. Ela destaca a coragem como fundamental para a continuidade de um relacionamento. É preciso também que um parceiro se preocupe com o outro, tenha consciência dos possíveis riscos que a construção da relação pode acarretar. Essa telespectadora manifesta, ainda, que o vínculo amoroso é um processo: é mais importante a trajetória do casal na constituição desse elo do que o desfecho da história, que nem sempre é feliz. E não há garantias de que a relação assim construída seja para sempre.

O julgamento da postura de Raquel também é feito por outra telespectadora, que chama a atenção para a imprudência e a inconseqüência das atitudes da professora. Esta merece ser punida de alguma forma: a morte de Fred serviu para ela se sentir culpada, já que poderia ter evitado tudo o que aconteceu. Na visão dessa telespectadora, a postura de Raquel em relação à paixão que Fred sentia por ela deve ser criticada: uma mulher madura como Raquel deveria ter percebido os sentimentos do menino e tentado afastá-lo, a fim de evitar conseqüências mais sérias. A telespectadora manifesta o desejo de que Raquel tomasse uma atitude mais racional em relação a Fred.

Esse desejo de punição para Raquel emerge na fala de outra telespectadora, que afirma que a professora “já provou ter algum tipo de desequilíbrio ao assediar adolescentes em toda escola em que trabalha; não contente, ainda os coloca em perigo”. Para ela, Raquel e Marcos deveriam terminar a novela em uma clínica, já que os dois são doentes. Aqui, Raquel aparece não como vítima, mas como a professora que assedia seus alunos e merece ser punida por isso.

Outra crítica veemente à trajetória da mesma personagem aparece com a manifestação a seguir. Este discurso contraria a fala de outros telespectadores e até mesmo a fala da professora na festa de formatura da Escola Ribeiro Alves, quando afirmou ter vivido com Fred uma linda história de amor:

Não vi nada de lindo na história de Marcos, Raquel e Fred. Mostrou uma história violenta, um relacionamento doentio, onde um adolescente foi envolvido e perdeu a vida pela loucura e irresponsabilidade de dois adultos: Marcos e Raquel. Nada de lindo. Triste, isso sim.

A análise dessas manifestações revela que nem sempre os telespectadores estão de acordo com as re-

presentações que a telenovela procura construir. Eles se posicionam em relação às histórias de amor ficcionais, julgando comportamentos e valores e evidenciando o modo como a experiência amorosa deve ser construída – na ficção e na vida cotidiana.

Apontamentos finais

O objetivo deste artigo foi analisar alguns relacionamentos viciados construídos em *Mulheres Apaixonadas*, bem como posicionamentos do público em relação a essas tramas amorosas. Buscou-se perceber como as representações de amor foram constituídas nessa narrativa, assim como os obstáculos que impedem a realização amorosa das personagens aqui analisadas. Com isso, procurou-se apreender algumas interlocuções entre telenovela e público em relação ao amor.

A história de amor entre Heloísa e Sérgio convida o público a condenar o comportamento da *marchand*: o amor e o ciúme que ela sente são doentios, ela precisa de tratamento para superá-los. Ainda que Helô realize atitudes violentas, ela não encarna uma vilã e procurou ajuda para tentar superar seu ciúme. Entretanto, a trama que envolve esse casal parece classificar o sentimento que sustenta o vínculo entre eles como condenável: é um amor doente, que pode trazer violência e sofrimento aos parceiros; não merece ser realizado e não desperta o desejo de ser vivenciado na experiência concreta. O desfecho dessa trama apresenta a punição do mal: a *marchand* não merece encontrar a felicidade. Não há um *happy end* para o casal. Sérgio termina a novela com Vidinha, mesmo que não tenha esquecido completamente a ex-esposa.

Ao se posicionar em relação ao casal Heloísa e Sérgio, muitos telespectadores, a princípio, criticaram o comportamento ciumento dela em relação ao marido. No fim da narrativa, entretanto, as atitudes de Helô acabaram sendo neutralizadas pela ação de outra personagem, ainda mais condenável, na visão da maioria dos telespectadores: Vidinha. O fato de a jovem assediar um homem casado suscitou a identificação das telespectadoras com a esposa cujo casamento se vê ameaçado. A trajetória de Helô e Sérgio foi entendida como uma história de amor, ameaçada por certos sentimentos e pessoas, mas que mereceria um *happy end*. Ou seja, é uma narrativa permeada por um “amor bom”. A maioria dos telespectadores contraria, assim, o desfecho dessas personagens em *Mulheres Apaixonadas*,

já que não deseja a punição para o comportamento de Heloísa. A percepção desses receptores associa o amor à fidelidade e ao respeito, sugerindo o modo como a vivência desse sentimento deve se realizar na experiência concreta.

É possível afirmar, assim, que, na relação estabelecida entre a representação que emerge com a história de Heloísa e Sérgio e o público que a apreende, há deslocamentos de sentidos em relação ao amor. Alguns telespectadores, ao serem incitados pelo discurso da telenovela, apontaram o amor que sustenta essa relação para um sentido diferente daquele a que a representação do casal parece remeter.

Na trama que envolve Raquel, Marcos e Fred, ocorre a configuração do amor em polos opostos. O sentimento de Marcos por Raquel é doentio, ruim, só pode ser visto como um amor destrutivo. O amor idealizado de Fred por Raquel, ao contrário, é bonito e sincero. Essa marcação em dois pares antitéticos parece ter sido construída a fim de conseguir a aceitação do romance entre a professora e o aluno, entre mulher mais velha e adolescente. A violência de Marcos contra Raquel é inaceitável; não pode ser vista como um ato de amor. O amor de Fred por ela, ao contrário, merece ser realizado como uma recompensa para o sofrimento de Raquel. A morte do adolescente parece tentar coroar a aceitação desse romance, inclusive pela mãe de Fred e pela escola.

O desfecho dessa trama amorosa traz a punição do mal: a morte do vilão que trouxe tanta violência e sofrimento à vida de Raquel e a destruição do “amor ruim” que sustentava essa relação. Mas não há um final feliz para o romance entre a professora e Fred: o jovem morre junto com Marcos, trazendo ainda mais sofrimento para Raquel. Entretanto, esta recebe um filho de Fred como recompensa.

Posicionando-se em relação à trajetória e ao desfecho de Raquel, Fred e Marcos, muitos telespectadores parecem legitimar a representação que a novela sugere: o relacionamento entre Raquel e Marcos é ruim, ele é o vilão da história e deve ser castigado; ela é a vítima que sofre nas mãos do marido violento e, como recompensa, merece vivenciar o amor ao lado do jovem apaixonado. Muitos telespectadores contrariam o desfecho da relação amorosa entre Raquel e Fred, na medida em que desejam um final mais feliz para o casal. A percepção do amor que esses receptores manifestam perpetua aspectos do amor romântico em nossa sociedade: a ideia de amor sublime e idealizado, marcado por sinceridade e respeito.

Entretanto, alguns telespectadores se colocaram contra a história de amor entre a professora e o aluno, chegando até a contrariar esse sentido da representação

que a narrativa parece construir. Nas manifestações dessas pessoas, a postura de Raquel é criticada. O amor entre Raquel e Fred não é visto como bonito e idealizado, como a narrativa mostra em vários momentos. Na visão desses interlocutores, tanto o amor que sustenta a relação entre Raquel e Marcos como o que sustenta o romance entre Raquel e Fred são ruins e destrutivos, contrariando a representação que *Mulheres Apaixonadas* sugere. Ao vislumbrar outros sentidos possíveis para a relação entre a professora e o aluno, os telespectadores participam de uma negociação simbólica, em que os valores do público são confrontados com aqueles apresentados pela narrativa ficcional.

A análise revelou, assim, que os relacionamentos viciados representados nas telenovelas apresentam uma função de denúncia e configuram representações que incomodam o público. Tais vínculos não são, evidentemente, desejados pelo público, o qual condenou inúmeras ações violentas e desrespeitosas que permearam as tramas aqui analisadas. Valores como a fidelidade, a sinceridade e o respeito são evidenciados, revelando aspectos da percepção sociocultural que o público tem em relação à experiência do amor na vida concreta.

Nessa interlocução entre telenovela e público, foi possível perceber alguns deslocamentos de sentidos em relação ao amor e à constituição dos relacionamentos. A sociedade se posiciona em relação às histórias de amor ficcionais e, muitas vezes, realiza julgamentos severos das atitudes tomadas pelas personagens das telenovelas, em um processo permanente de negociação simbólica.

Referências

- BARTHES, R. 2000. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 15ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 297 p.
- BLOCH, H. R. 1995. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro, Ed. 34. 277 p.
- BORELLI, S. H. S. 1995. Gêneros ficcionais, materialidade, cotidiano, imaginário. In: M. W. SOUSA (Org.), *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo, Brasiliense, p. 71-85.
- BORELLI, S. H. S. 2001. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. In: Intercom, XXIV, Campo Grande, 2001. *Anais...* Campo Grande, MS.
- COSTA, J. F. 1999. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Rocco. 221 p.

- FRANÇA, V. R. V.; SIMÕES, P. G. 2007. Telenovelas, telespectadores e representações do amor. *ECO-PÓS*, **10**(2):48-69.
- GIDDENS, A. 1993. *A transformação da intimidade*. São Paulo, Unesp, 233p.
- GIDDENS, A. 2002. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 228 p.
- LOPES, M. I. V. 2004. Telenovela: internacionalização e interculturalidade. São Paulo, Loyola. 407 p.
- MARTÍN-BARBERO, J. 2001. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ. 369 p.
- ROUGEMONT, Denis de. 2003. *História do amor no Ocidente*. 2ª ed. reform. São Paulo, Ediouro. 543 p.
- SIMÕES, P. G. 2004. *Mulheres Apaixonadas e outras histórias: amor, telenovela e vida social*. Belo Horizonte, MG. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 232 p.
- SOUZA, M. C. J de. 2005. Ideais de amor e felicidade em *Mulheres Apaixonadas*: o que dizem sobre os ideais de amor e felicidade dos telespectadores? *In: Encontro da Compós*, XIV, Niterói, 2005. *Anais...* Niterói, RJ.

Submetido: 30/11/2010

Aceito: 06/02/2011